

GRANDE SERTÃO: VEREDAS: ALGUNS NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS

Maria Célia de Moraes LEONEL¹

- RESUMO: A criação neológica estilística enfeixa a criatividade lexical e a neologia semântica. A neologia de sentido consiste no emprego de um significante já existente na língua com um conteúdo que ele não possuía, ou porque o conteúdo é novo ou porque, até aquele momento, era expresso por outro significante. No texto literário, uma criação resultante desse tipo de procedimento tende a não se repetir. É o que chamamos de neologia semântica estilística. Nessa operação, a estrutura da frase tem função básica, pois, no mínimo, é necessário um sintagma para que surja novo sentido. A partir de algumas relações sintagmáticas, estudamos certos modos de manifestação da neologia semântica em *Grande sertão: veredas*.
- PALAVRAS-CHAVE: Neologia semântica; estilo literário; texto rosiano; criatividade lexical.

Neologia estilística

O leitor atento e assíduo de Guimarães Rosa apreende o sentido dos textos do escritor, decodificando o termo, o sintagma ou o enunciado, embora nem sempre de modo consciente. A tarefa de examinar o léxico rosiano para a realização do *Glossário* da edição crítica de *Grande sertão: veredas* para a Coleção Archives,² torna mais aguda a percepção dos vários e conhecidos recursos do autor no que se refere à exploração das virtualidades lexicais da língua portuguesa.

1 Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

2 O *Glossário* foi realizado também por Edna M. F. S. Nascimento e Nilce S. Martins.

Entre esses recursos, os neologismos semânticos chamam a atenção pela alta voltagem de poesia que possuem. Como outros artifícios do discurso rosiano, demandam reflexão acurada. Para as observações que se seguem, introduzindo nossas investigações sobre a questão, partimos da noção de *criação neológica estilística*, tal como é operacionalizada pelos escritores.

No livro *La créativité lexicale*, Louis Guilbert (1975, p. 40) estuda os processos de criação próprios da língua, atentando, todavia, também para a neologia estilística. Ela difere da *neologia denominativa*, que não depende da vontade de inovação sobre o plano da língua, mas da necessidade de dar nome a um objeto ou a um conceito novo.

A criação neológica estilística funda-se na busca de expressividade na própria palavra ou no enunciado por meio da palavra. Para Louis Guilbert (1975), o intuito da neologia estilística é traduzir objetos e conceitos não originais de maneira nova.

A familiaridade com o texto literário, entretanto, mostra-nos que objetos e conceitos expressos de modo especial adquirem significados também especiais. Mas concordamos com o ensaísta, no que diz respeito à relação entre essa forma de criação e a originalidade do usuário da língua.

O modo como as criações de escritores e as de usuários comuns da língua se aproximam, se diferenciam, se interpenetram deve ser melhor investigado. Uma das grandes diferenças é o fato de a criação neológica estilística ser construída pelos autores de maneira sistemática.

Além disso, na criação linguística literária, aparentemente não se apresentam limites aos desejos e delírios verbais do escritor. Todavia, como o texto literário é também um ato linguístico, a língua é objeto de criação e, ao mesmo tempo, o meio pelo qual a criação é veiculada. A atividade literária, como ato de fala, também é um ato social. Assim sendo, a expressividade verbal, principal característica dessa atividade, é sua força e sua limitação. As formulações inusitadas em todos os níveis constituem a base do encantamento que o texto literário provoca e, ao mesmo tempo, promovem o seu impedimento nas situações limítrofes. A busca de originalidade total traz o obscurantismo, o fechamento, a diminuição ou a inexistência de leitores, incapazes de interação com a liberdade extrema da literatura.

A grandeza desse tipo de texto está, justamente, na tensão entre a comunicabilidade própria do uso cotidiano da língua e a comunicabi-

lidade própria do uso da língua na expressão literária em que os jogos de criatividade se exacerbam.

Para o estudo introdutório da *neologia semântica* em *Grande sertão. veredas*, procuramos nos aproximar dessa questão, a partir de algumas considerações de cunho teórico.

Neologia semântica

O *Dicionário de filologia e gramática* de J. Mattoso Câmara Júnior (1968), define *neologismos* como *inovações léxicas que se firmam numa língua dada*. Os neologismos são divididos em dois grupos: *neologismos vocabulares* – novos vocábulos – e *neologismos sintáticos* – novos tipos de construção frasal. Esses últimos ... *resultam de uma criação estilística, que se padroniza na língua, ou de um estrangeirismo sintático*.

Não há, portanto, menção direta à neologia semântica; todavia – e apesar da brevidade e da generalidade da explicação, próprias de verbete de dicionário – podemos verificar, conforme sugestões de Louis Guilbert (1975) abaixo citadas, que a neologia semântica tem relações diretas com a estrutura sintática da frase.

Já a primeira distinção no verbete *neologia* do *Dicionário de lingüística* de Dubois et al. (1978), dá-se entre *neologia da forma* e *neologia de sentido*. Essa última consistiria no emprego de um significante já existente na língua, com conteúdo que ele não possuía, sendo o conteúdo ou conceitualmente novo ou expresso, até aquele momento, por outro significante. A descrição do verbete refere-se sempre a procedimentos da língua, da *langue*, em oposição à *parole*.

Louis Guilbert (1975) trata da neologia semântica introduzindo a reflexão sobre essa categoria neológica de maneira assemelhada à do *Dicionário de lingüística* (Dubois et al., 1978). Supõe uma nova união entre um determinado significado e um determinado significante, constituindo uma criação que não pode aparecer fora de um código lingüístico. Em consequência desse postulado, estabelece-se a diferença entre esse tipo de neologia e os demais: na neologia semântica, a substância significante utilizada como base pré-existe enquanto morfema lexical e, sem nenhuma modificação morfo-fonológica ou combinação intralexemática, constitui uma nova unidade de significação. (Guilbert, 1975, p.64).

O mesmo autor lembra que, para a análise estrutural, embora a estrutura de significação ultrapasse os *termos-objetos*, como a forma do conteúdo de significação depende de uma lexicalização situada no interior do universo significante, a palavra torna-se a unidade essencial da linguagem enquanto manifestação da significação.

Tomando-se, portanto, a palavra como unidade essencial da significação, o exame dos elementos que compõem essa sua condição – os semas ou traços de significação – são examinados no universo da palavra-signo como feixes que permanecem ou se deslocam, formando novos complexos de traços.

A monossêmia, para Guilbert (1975, p.65), depende da estabilidade do feixe de semas e a polissemia, da diversificação dos mesmos. A possibilidade de variação na combinação dos semas é que define a neologia semântica (p.65). A existência da palavra monossêmica é rara, havendo, na *palavra semântica*, pelo menos, duas significações. Essa condição decorre da natureza do signo lingüístico, símbolo que contém um princípio de neologia cuja função é fazer face à multiplicidade de significações. A monossêmia absoluta não existe nem mesmo nos nomes próprios. Para um referente único, muitas vezes é necessária a justaposição de dois ou mais nomes diferentes ou menções extralingüísticas.

A consideração da polissemia como inerente ao signo lingüístico é, naturalmente, fundamental para qualquer estudo de neologia. Para o enfoque da neologia semântica estilística, entretanto, a atenção a esse postulado é ainda mais relevante.

Vale lembrar com Guilbert (p.72) que o conteúdo semântico das palavras condiciona sua combinação em frases da mesma forma que a estrutura sintática. A conseqüência disso é que a criação de um sentido novo implica uma ruptura nas regras de combinação.

Evidencia-se assim a função básica da estrutura da frase na neologia semântica:

la distribution des sèmes spécifiques d'un mot se manifeste initialement dans l'énonciation d'une phrase, elle prend corps ensuite, en tant que néologisme sémantique, dans le cadre du signifiant d'un mot, dans des réalisations phrastiques, soit au niveau de la phrase prédicative complète, soit au niveau d'un syntagme, réduction d'une phrase. Et même l'entourage phrastique au moins réduit à une détermination est nécessaire pour faire apparaître le sens nouveau, soit dans le déterminant, soit dans le déterminé. (Guilbert, 1975, p 72-3)

A citação é esclarecedora do quadro a partir do qual examinamos recursos estilísticos próprios da neologia semântica no romance de Guimarães Rosa

Antes, porém, de tratarmos do discurso rosiano, é preciso estabelecer o subtipo do universo neológico semântico estilístico de que vamos tratar.

A neologia semântica manifesta-se pela criatividade que ocorre por meio da mudança de regras, pela transgressão de um traço de categorização ou de seleção. No primeiro caso, temos a *conversão* que muda a classe gramatical da palavra. No segundo caso, há a *neutralização de traços de seleção*. Para H. Weinrich, nesse tipo de neologia, há a metaforização por um traço de transferência. (Bastuji, 1979, p. 17)

É na neologia semântica que incide sobre a seleção que vamos fixar a atenção.

Neologia semântica em *Grande sertão: veredas*

Nosso estudo sobre neologismos semânticos em *Grande sertão: veredas* não tem intenção de examinar e nem mesmo de arrolar todas as possibilidades do subtipo de neologia escolhido, o que é tarefa para trabalho de enorme amplitude. A seleção e a análise de algumas ocorrências significativas permitem refletir sobre esse tipo de procedimento que se repete – sempre de modo inovador, embora de acordo com as virtualidades da língua – ao longo da obra.

A dimensão do campo sintático, para que se dê a manifestação do neologismo semântico, varia, em princípio, de acordo com a categoria do termo sobre o qual recai a neologia. Para que o sentido figurado surja na forma verbal, por exemplo, é necessária a sua relação com o sujeito, ou com o objeto-complemento. Do mesmo modo, a neologia se manifesta em uma forma nominal, quando se estabelece a relação entre um substantivo e um adjetivo.

Apresentamos e procuramos analisar neologismos semânticos criados na relação verbo-objeto e verbo-sujeito.

Neologia semântica na relação verbo-objeto (SV + SN)

A ligação inovadora verbo-objeto cria a neologia na seguinte ocorrência do texto rosiano

Será que fôsse para o uruciano Salustio no primeiro descuido meu **me amortizar**? (Rosa 1958a, p 327)

A palavra *amortizar*, que ocorre na passagem citada, tem, no dicionário, a seguinte descrição do significado

Extinguir (dívida) aos poucos ou em prestações ou abater (parte de uma dívida), efetuando o pagamento correspondente (Ferreira, s d)

No enunciado do romance, o traço de significação /não-animado/ de *amortizar*, e substituído pelo seu contrário /animado/, presente no objeto direto *me* que carrega essa significação

Além disso, na frase rosiana em questão, os significados do verbo *amortizar* contaminam-se com significados próprios de *extinguir* *Apagar (fogo)* *Aniquilar, destruir* *Exterminar inteiramente* (Ferreira, s d) E também com os significados de *abater*, entre os quais podemos citar, da lista de dez possibilidades de significação para o verbo enquanto transitivo direto, com o sema /abaixar/ inserido no seu feixe de significados, os seguintes *Dar cabo de, matar* *Matar (gado, pequenos animais, aves)* (Ferreira, s d) O verbo é empregado no episódio em que os cavalos dos jagunços chefiados por Zé Bebelo são barbaramente mortos ou fendos pelo grupo dos *hermógenes*, os dissidentes, descontentes com a liberdade dada a Zé Bebelo após o julgamento Esses

matavam conforme quemam, a matança, por arruinar *Atravam ate no gado, alheio, nos bois e vacas, tão mansos, que, desde o começo, tinham quando vir por se proteger mais perto da casa* (Rosa, 1958a, p 321)

O discurso, nesse momento, alonga-se em descrições e reflexões – o protagonista desconfia de que o novo chefe, Zé Bebelo, esta tramando uma traição De todo modo, o sema /matar animais (principalmente cavalos)/ está presente em todo o trecho Como vemos, na inovação semântica rosiana, não há apenas a neutralização de certos traços sêmicos, ha tambem a ampliação de traços

Outra ocorrência de neologia semântica centra-se também no verbo

*Eu ja **tinha preenchido três cartas*** (Rosa, 1958a, p 313)

Esse emprego neológico do verbo *preencher* repete-se no trecho em questão No universo da história, temos o protagonista, ex-profes-

sor de primeiras letras de Zé Bebelo, como comandado do antigo aluno. Durante o cerco promovido pelo bando inimigo, o jagunço letrado escreve, a mando do chefe, cartas e cartas às autoridades constituídas para que enviem soldados para capturarem os *hermógenes* de surpresa. Como foi dito, Riobaldo, o protagonista, desconfia da atitude de Zé Bebelo. E o ato de escrever transforma-se numa atividade custosa e difícil.

No dicionário, *preencher* tem os seguintes significados de interesse para o sintagma em questão:

Encher completamente; ocupar, completar; atestar, recheiar. Cumpri plenamente. Escrever em, completando os claros com as respostas pedidas (Ferreira, s. d.)

Se, naturalmente, o último dos significados aparece como o elemento que estabelece a relação entre *escrever* e *preencher* cartas, a verdade é que todos os demais estão implicados no sintagma em questão, em virtude da condição do protagonista ao redigir a correspondência. São muitas as cartas, para o comandante das forças militares, para o juiz da comarca, para o presidente da câmara, para o promotor. Como suporte, papéis velhos

de tempos idos, num vigente fevereiro, 11, quando ainda se tinha Imperador, no nome dele com respeito se falava. E noticiando chegada em poder, de remessa de ferramenta, remédios, algodão trançado tanto. (Rosa, 1958a, p 313)

Desses papéis, o jagunço que escreve aproveita *o espaço embaixo, ou a banda de trás, reverso dita.*

E o protagonista narra, tempos depois, as circunstâncias em que *preenche* a correspondência:

Aí, fui escrevendo. Simples, fui, porque fui ah, porque a vida é miserável. A letra saía tremida, no demoroso. Meu outro braço também recomeçava a doer quâse'que. "Traição"... – sem querer eu fui lançando no papel a palavra, mas ns-que! Uma bala no couro assoviou sóco. Sumamente, eu esperei o pispissú de alguma outra bala, eu quena. Soubesse por quê? O pensar caladíssimo de Zé Bebelo me perturbava. (Rosa, 1958a, p 314)

O trecho evidencia a presença dos demais semas do dicionário no feixe de significados de *preencher*.

A mutação semântica pode ser considerada também no seguinte enunciado:

A lua, o luar. vejo êsses vaqueiros que **vijam a boiada**, mediante o madrugada, com lua no céu, dia depois de dia. (Rosa, 1958a, p.293)

Nesse caso, o verbo intransitivo *vijar* – cujo significado mais próximo no sintagma verbal em questão é *Fazer viagem ou viagens* (Ferreira, s. d.) – contamina-se pela transitividade verbal, com o significado de *Andar por; percorrer; correr* (Ferreira, s. d.). É como transitivo direto que o verbo *vijar* significa, nesse contexto, /fazer viajar/, /acompanhar/. Há, portanto, também uma mudança na subcategorização.

Mas esse mesmo enunciado traz outro termo a ser investigado. O dicionário que citamos define *boiada* como *manada de bois; boiama* (Ferreira, s. d.). Entretanto, a palavra tem também um significado específico, talvez de uso mais amplo, que é justamente o de manada de bois que, conduzida por vaqueiros, é levada de um local a outro, para venda, corte, para um novo pasto na seca ou na enchente. As muitas situações de emprego oral ou escrito desse termo na expressão fixa *estouro da boiada*, supõem o significado a que nos referimos. Assim sendo, na palavra *boiada*, o sema /viagem/ pode ser considerado como parte inerte do feixe de significados, o que nos autoriza a acrescentar, no exame semântico da estrutura sintática em questão, uma redundância.

Neologia semântica na relação verbo-sujeito (SN + SV)

A neologia semântica em *Grande sertão: veredas* pode dar-se também na relação verbo-sujeito, se considerarmos, para o enunciado que se segue, o contexto de significação maior, que é, em última instância, o universo de sentidos do romance como um todo. Ainda que reproduzido nos limites do período a que pertence, o verbo *deletrear* não apresenta nenhuma modificação de ordem neológica:

*Mas o dono do sítio, que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado em couro, que se chamava o "Senclér das Ilhas", e que **pedi para deletrear nos meus descansos**.* (Rosa, 1958a, p.358)

Os significados enfeixados no significante *deletrear* são: *Ler letra por letra; soletrar. Ler mal* (Ferreira, s. d.), todos cabíveis no segmento transcrito.

No entanto, Riobaldo lê bem. Mestre Lucas, que o inicia no mundo das letras, garante-lhe que ele daria *um professor de mão-cheia*.

É o mesmo Mestre Lucas que o escolhe para seu próprio substituto, quando é chamado para ensinar Zé Bebelo. Esse papel, Riobaldo cumpre com perfeição. O *deletrear* em relação ao *Sencler das Ilhas*, incorpora o significado de ler cuidadosamente, prazerosamente, permitindo ao narrador reflexivo de *Grande sertão: veredas*, achar, na obra, *outras verdades, muito extraordinárias*, diversas daquelas dos livros didáticos com que estava habituado. Em relação aos significados do dicionário, mantém-se o sema /ler pausadamente, compassadamente/.

Do conhecido e já mencionado episódio da matança dos cavalos e da desconfiança do jagunço letrado, cabe discutir outra ocorrência de mutação semântica, abaixo reproduzida:

– *É Eu vou, com o senhor, e o urucuano Salústio vem comigo. Vou com o senhor, e esse urucuano Salústio vem comigo, mas é na hora da situação... Ai, na hora honnha, estou junto perto, para ver. A para ver como é, que será vai ser. . O que será vai ser ou vai não ser... – alastrei, no mau falar, no gaguejável* (Rosa, 1958a, p.330)

Alastrar tem, entre seus significados, como os mais pertinentes à frase rosiana, os seguintes: *Propagar, difundir. Derramar, estender*. (Ferreira, s. d.). O sujeito desse verbo, nos significados em questão, pertence ao mundo da natureza – incêndio, vento, vegetação – como atestam os exemplos abonadores no verbete citado. A modificação mais importante, portanto, quanto ao sentido, refere-se ao traço/humano/ do sujeito.

Por outro lado, usado como transitivo direto, *alastrar* possui, como objeto direto, a fala da personagem que insiste na afirmação de seu estado de alerta em relação aos acontecimentos que estão por vir. O objeto, discurso citado em ordem direta, é também necessário para o entendimento da mutação ocorrida no universo de significação da palavra ao inserir o traço sêmico /repetir/ no feixe de seus significados. O sentido de tautologia, inscrito, por meio do objeto, no emprego especial de *alastrar*, relaciona esse termo com *no gaguejável*.

Como se vê, neste caso, para que a nova significação seja percebida de modo mais completo, tanto o sujeito como o objeto têm que ser tomados em conjunto com o verbo.

A partir da análise das ocorrências, acreditamos que nossa conclusão mais importante é a de que, no texto literário, o sintagma verbal ou o nominal ou mesmo a frase completa, nem sempre constituem espaço semântico suficiente para a compreensão e tradução da neolo-

gia. A posição de Guilbert, citada anteriormente (1975, p.72-3), de que a distribuição dos semas específicos de uma palavra se manifesta inicialmente na enunciação de uma frase, tomando corpo como neologismo semântico em realizações frásticas, seja no nível predicativo completo, seja no nível de um sintagma, não se cumpre em todos os casos

Como vimos no exemplo do verbo *deletrear*, o sentido de um sintagma específico demanda o desvendamento de suas relações com certo motivo do texto, não só não contido no limite da frase, mas disseminado em outros momentos do discurso. A tradução pode exigir mesmo o desvendamento das relações entre o segmento em questão e o universo temático mais amplo da obra.

A adequada dimensão do discurso para que o processo de neologia se complete varia de acordo com os significados envolvidos, não podendo ser delimitada *a priori*. Assim é em *Grande sertão: veredas* e nas grandes obras. a parte só se desvenda pelo todo e vice-versa

Na tradução de determinados neologismos semânticos próprios da linguagem literária – *saída contra Babel*, se nos é lícito imitar o autor de *Sagarana* em “Pequena palavra” (Rosa, 1958b, p.xi) – a necessidade de tomar-se um segmento maior que a frase e mesmo o texto todo como quadro de significação da palavra deve ser levada em consideração

LEONEL, M. C. de M. Semantic neologisms in *Grande sertão: veredas*. *Alfa* (São Paulo), v.41, p.79-89, 1997.

- **ABSTRACT:** *The stylistic creation of neologisms combines lexical creativity and semantic neology. Sense neology consists in using a pre-existing signifier with a meaning it did not have, either because the content is new or because the content was, up to that moment, expressed by another signifier. In a literary context, a creation resulting from this procedure is not liable to be repeated and is called stylistic semantic neology. In this kind of operation, the sentence structure is fundamental, since it takes at least a phrase for a new meaning to arise. From some phrasal relations, we studied some ways of manifestation of semantic neology in Grande sertão: veredas.*
- **KEYWORDS:** *Semantic neology; literary style; Rosian text; lexical creativity.*

Referências bibliográficas

- BASTUJI, J. Notes sur la créativité lexicale. In: ADDA, R. et al. *Néologie et lexicologie: hommage à Louis Guilbert*. Paris: Larousse, 1979. p.12-20.
- CÂMARA JÚNIOR, M. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 3.ed. rev. aum. São Paulo: J. Ozon, 1968.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. Trad. I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s. d.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. (Langue et Langage).
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958a.
- _____. Pequena palavra. In: ROSA, J. G., RÓNAI, P. (Sel.) *Antologia do conto húngaro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958b. (Panorama do Conto Universal, 1).

Bibliografia consultada

- LEONEL, M. C. M. *Guimarães Rosa alquimista: processos de criação do texto*. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- NASCIMENTO, E. M. F. S. *Estudo da metalinguagem natural na obra de Guimarães Rosa*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SILVA, A. de M. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10.ed. rev. corr. aum. atual. Lisboa: Confluência, 1948. 12v.